

PESQUISAS E RELATOS DAS CULTURAS INFANTIS NA UMBANDA E CANDOMBLÉ: 2011 A 2016

Cátia Regina Gutman¹

DOI: <https://doi.org/10.26512/revistacalundu.v2i2.12437>

Resumo:

Este artigo discute como a infância é vista, relatada e cuidada na Umbanda e no Candomblé, a partir da perspectiva da Sociologia da Infância. O objetivo é evidenciar a posição da infância como categoria geracional na Umbanda e no Candomblé, visando refletir sobre as culturas infantis, nesses contextos religiosos, abordados em pesquisas publicadas de 2011 a 2016. A categoria geracional dos adultos se constitui de olhares e cuidados diferenciados em relação à categoria infância. A infância se faz presente pela participação da família da criança e de sua iniciação na religião, no entanto, as culturas infantis não costumam ser tão discutidas quanto as culturas religiosas adultas. Devido ao número reduzido de pesquisas sobre estas culturas, há poucas evidências e pesquisas acerca da criança na Umbanda, enquanto no Candomblé ocorrem mais estudos sobre as crianças, porém relacionados à aprendizagem e à relação entre escola e religião. Deste modo, podemos concluir que existe uma lacuna quanto a pesquisas voltadas para a infância na Umbanda e no Candomblé, principalmente no que concerne à discussão de relatos das crianças.

Palavras-chave: Sociologia da Infância; Umbanda; Candomblé; Culturas Infantis.

INVESTIGACIONES Y RELATOS DE LAS CULTURAS INFANTILES EN LA UMBANDA Y EN EL CANDOMBLÉ: 2011 A 2016

Resumen:

Este artículo discute como es vista la infancia, relata y cuidada en la Umbanda y en el Candomblé, a partir de la perspectiva de la Sociología de la Infancia. El objetivo es evidenciar la posición de la infancia como categoría generacional en la Umbanda y en el Candomblé, buscando reflexionar sobre las culturas infantiles, en esos contextos religiosos, abordados en investigaciones publicadas entre 2011 y 2016. La categoría generacional de los adultos se constituye de miradas y cuidados diferenciados en relación a la categoría infancia. La infancia se hace presente por la participación de la familia de los(as) niños(as) y de sus iniciaciones en la religión, no obstante, las culturas infantiles no acostumbran ser tan discutidas como las culturas religiosas adultas. Debido al número reducido de investigaciones sobre las culturas, hay pocas evidencias e investigaciones acerca de los(as) infantes en la Umbanda, en cuanto que en el Candomblé ocurren mas estudios sobre los infantes, pero relacionados con el aprendizaje y la relación escuela y

¹ Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ. catiagut@yahoo.com.br

religião. De este modo, podemos concluir que existe uma laguna em quanto a investigações giradas para os infantes em la Umbanda y en el Candomblé, principalmente en lo que concierne a la discusión de relatos de los(as) infantes.

Palabras claves: Sociología de la Infancia; Umbanda; Candomblé; Culturas Infantiles.

Introdução

O percurso de pesquisas voltadas para o Candomblé e a Umbanda tem evidenciado um recorte adultocêntrico, onde os adultos são os detentores dos fundamentos e saberes dessas religiões. Um lema cultivado na lei-do-santo é a de que o mais velho sabe mais e que sua verdade é incontestável (PRANDI, 2005, p.47).

Aqui não refuto essa sabedoria, mas destaco o esquecimento da criança como produtora de cultura desta religião. Se no Candomblé aprende-se à medida que se faz e que se vive no cotidiano do barracão (PRANDI, 2005, p.42), os velhos são os sábios e a vida comunitária depende primordialmente de seu saber e de seus mistérios, cabe perguntar então: qual o papel da criança nesta comunidade de matriz africana?

A criança já nasce com conhecimentos. Ela é a síntese de ancestrais, assim como mais tarde será, também, dos seus descendentes. A criança observa o mundo do adulto e gradualmente desenvolve uma consciência que não entende, mas aplica esse conhecimento através das brincadeiras (ITURRA, 2002, p.151).

Nas religiões de matriz africana como Umbanda e Candomblé, as crianças circulam nos terreiros e nas giras, mas de que forma essa circulação acontece e como se dá o contato entre adultos e crianças, bem como a troca de saberes entre eles e das crianças com seus pares, são ainda questões que devem ser campo de pesquisa.

O objetivo deste artigo é abordar as seguintes questões: qual a posição da infância nas Religiões Umbanda e Candomblé? Como se cuida da infância ou como se presta atenção nela nessas religiões? Procura-se evidenciar a posição da infância como categoria geracional nas Religiões da Umbanda e Candomblé e refletir sobre as culturas infantis nesses contextos religiosos, com base na nova Sociologia da Infância em que a categoria geracional infância tornou-se um marco referencial de pesquisas e as culturas infantis são estudadas em diversas instituições sociais.

Os aportes teóricos da Sociologia da Infância são apresentados de acordo com estudos realizados por teóricos como Mannheim (1993), Montadon (2001), Sirota (2001),

Alanen (2001), Rocha (2008), Sarmiento (2009), Qvortrup (2010), Corsaro (2011) e Arenhart (2016). Assim, este artigo se baseia em quatro pesquisas publicadas sobre Candomblé e Umbanda, nas quais aparecem questões sobre crianças que frequentam ou são iniciadas nestas religiões, em alguns artigos científicos, e nos meus próprios relatos de experiências tanto na Umbanda, em que fui médium no Templo a Caminho da Paz, e agora como iaô, iniciada no Candomblé, na casa KWE CEJÀ D' OYÀ.

Umbanda e Candomblé: caminhos percorridos

A Umbanda sempre esteve presente na minha vida. Nasci em Paraíba do Sul (RJ), onde meu avô paterno era médium e fundou em sua casa um terreiro, no qual realizava sessões com seus guias². Minha avó era rezadeira e parteira. Ela fez os dois partos da minha mãe. Minha mãe teve dificuldades no meu parto e minha avó conseguiu ajudá-la, pois nasci com o cordão umbilical enrolado no pescoço. Minha mãe decidiu que os dois seriam meus padrinhos de batismo na Igreja Católica, além de avós. Convivi com as rezas e os guias, durante toda minha vida, mas como consulente.

Iniciei minha trajetória como médium só em 2014, quando tinha 48 anos, e decidi fazer o curso obrigatório de iniciação na Umbanda e ingressar no Templo a Caminho da Paz, no Engenho Novo, cidade do Rio de Janeiro. Para ingressar, todos deveriam fazer um curso de iniciação aos sábados para conhecer a Umbanda e entender as normas da casa. O templo tinha cinco filiais, com cerca de 500 médiuns³ e à época nesse curso, podiam frequentar adultos e jovens de dezessete anos acompanhados de seus pais, já que as crianças não frequentavam o curso.

Entrei na casa em uma cerimônia de recebimento da conta de Oxalá⁴, que nós fazíamos a partir de um modelo ensinado neste curso. O uniforme era um jaleco comprido, branco, com bolsos grandes e um emblema da casa bordado. Havia também uma toalha, com nosso nome e o emblema de filial que tínhamos escolhido. Eu escolhi ficar na *Tsara* de Pablo Juan, no Engenho Novo.

² A Umbanda é uma religião na qual os chamados guias (espíritos de caboclos, boiadeiros, pretos velhos, ciganas, exus, pombagiras, marinheiros e crianças) incorporam na pessoa que os recebe (PRANDI, 1990, p.61).

³ De acordo com o site do Templo a Caminho da Paz, atualmente, há apenas duas filiais e uma matriz. Fonte: <http://temploacaminhodapaz.com.br/> - Acesso em novembro de 2018.

⁴ São 76 contas brancas, que são colocadas num fio de nylon e unidas por uma conta maior branca chamada firma.

Havia na *Tsara* uma sala de atendimento para pessoas doentes, com médiuns que tinham cursos de *Reiki*⁵, oferecidos pelo próprio templo. Em outra sala, ficava o curso de evangelização para as crianças, com cadeiras e mesinhas como em uma sala de aula e tarefas de desenho, colagem, pintura, tudo voltado para a aprendizagem sobre a Umbanda.

A Umbanda, em 1847, foi relacionada com uma religião de um grupo de escravos que organizaram uma revolta contra seus senhores em Vassouras, Província do Rio de Janeiro, caracterizando-se como uma associação mística e secreta, devotada a Santo Antônio:

Na Umbanda de 1848 (a palavra existe em *kimbundu* e *umbuntu*, significando “a arte de curar, adivinhar e induzir os espíritos a agir para o bem ou para o mal”) a associação possivelmente era com certos espíritos locais ou espíritos maiores da natureza, das tradições da África Central (SLENES, 1992, p.53).

Como religião, a Umbanda é fundada em 1920, já com uma organização voltada mais para os espíritos dos mortos e sem os rituais de iniciação do Candomblé e de atos sacrificiais de animais. A Umbanda se formou de raízes negras e ocidentais:

A padronização inicial de seus ritos e seus prenúncios de institucionalização datam da década de 1920, quando kardecistas de classe média, atraídos pelos espíritos de caboclos e pretos-velhos que se incorporavam nos terreiros de macumba do Rio de Janeiro, neles adentraram e assumiram sua liderança. (...). Imediatamente os adventícios passaram a moldá-la à sua imagem e semelhança: branca, cristã, ocidental. Extirpam-se dos cultos os rituais mais primitivos ou capazes de despertar os pruridos da classe média (matanças de animais, utilização ritual da pólvora e de bebidas alcoólicas), moralizam-se os “guias”, educando-os nos princípios da caridade cristã em sua leitura kardecista, racionalizam-se as crenças tendo-se por base a teodiceia reencarnacionista e organizam-se as primeiras federações que associam terreiros até então totalmente fragmentados (NEGRÃO, 1994, p.113).

Em 1941, aconteceu o Primeiro Congresso Nacional de Umbanda, na cidade do Rio de Janeiro, em que umbandistas dos principais estados do Sul e Sudeste participaram, sobretudo de São Paulo e Rio Grande do Sul. O nome do evento foi escolhido de modo a evitar a estigmatização atribuída ao termo macumba⁶ (NEGRÃO, 1994, p.113). As interpretações sociológicas sobre o nascimento da Umbanda assentam-se em sua tríplice condição de religião nacional, surgida e consolidada no momento da expansão do sistema

⁵ É uma terapia complementar, caracterizado pela imposição das mãos no ser humano com objetivo de reestabelecer o equilíbrio, físico, mental e espiritual.

⁶ Termo utilizado nos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e São Paulo, em referência às religiões africanas ou cerimônias realizadas por elas (BASTIDE, 2001, p.311).

urbano industrial do segundo quartel do Século XX, justamente nos centros urbanos mais importantes das regiões mais desenvolvidas do país.

As federações são dirigidas, sobretudo, por pessoas de classe média e que moralizam e purificam a imagem que antes era a dos negros que faziam feitiços e matanças⁷, trazendo as roupas brancas para os médiuns, os quais refletem a boa apresentação e a limpeza. Acredita-se que é cuidando do corpo e da aparência que se evolui espiritualmente e ascende simbolicamente na estratificação social. A limpeza vem da retirada de rituais religiosos de origem africana, incongruente com os padrões da sociedade, onde os rituais da Quimbanda se transformaram em magia negra, magia de negros (ORTIZ, 1976, p.122).

Essa oposição cultural é transpassada ainda pelos valores de classe, a federações eram dirigidas pela classe média, que usou como modelo o Kardecismo⁸, expresso pela aprendizagem mediúnica pública e o desenvolvimento do médium (PRANDI, 1990, p.55). Na Umbanda, ocorreu a eliminação quase total do sacrifício de sangue, porém permanecem o rito cantado e dançado do Candomblé, bem como o panteão simplificado dos orixás. A presença das entidades no transe ritual se volta mais para a cura, limpeza e aconselhamento dos fiéis e clientes.

Mesmo participando como consultante na Umbanda, também frequentava o Candomblé, pois minha irmã era filha de santo de Mãe Geilsa de Oyá e, por isso, participei de vários rituais na casa, *KWE CEJÀ D`OYÁ*. Em 2008, ingressei no Mestrado em Educação e o concluí em 2010, com a dissertação “Oralidade e Escrita no Candomblé”⁹, sobre os cadernos iniciáticos de três filhos de santo, de três casas diferentes. Uma das casas pesquisadas foi a de Mãe Geilsa de Oyá, da qual agora sou filha de santo.

⁷ A doutrina kármica da evolução espiritual é um dos elementos mais importantes do sistema umbandista, ela fornece aos pensadores religiosos o argumento ideológico que delimita a fronteira entre a Umbanda e os cultos afro-brasileiros (ORTIZ, 1976, p.121).

⁸ Religião extremamente racionalizada desde a codificação espírita promovida por seu fundador francês na segunda metade do século XIX, inspirou-se na doutrina kármica hindu para explicitar o sentido da comunicação com os espíritos e no experimentalismo científico para captar suas mensagens (NEGRÃO, 1994, p.117).

⁹ Dissertação orientada em 2010 pela Prof^a Dr^a Adriana Hoffman, pelo Programa de Mestrado em Educação da Universidade Católica de Petrópolis. http://200.20.252.58/images/INSTITUCIONAL/MESTRADO_EDUC/DISSERTACOES/2010/catia_regina_gutman.pdf

Em 2017, fiz minha iniciação¹⁰ no Candomblé, na casa *KWE CEJÀ D' OYÀ*, em Brás de Pina, no Rio de Janeiro (GUTMAN, 2010, p.64). Na minha lista de feitura¹¹, Mãe Geilsa de Oyá pediu que eu levasse meu caderno para anotar as rezas e escrever o que aprenderia durante a iniciação. Percebi que muitas crianças vinham ao barracão e a primeira a falar comigo foi a menina de Oyá¹² de quatro anos, que sentou na *inin*¹³ e me ajudou a confeccionar meu fio de contas. Durante meu recolhimento, conheci o menino de Xangô de cinco anos e a pequena de dois anos, também de Oyá.

Na minha primeira matança¹⁴, já depois da minha feitura, observei que todas as crianças ficaram agitadas e gritavam competindo para saber que bicho desceria para o salão. Isso me chocou, como adulta fiquei nervosa de participar, mas me controlando, fingindo que estava tudo bem, percebi que, para aquelas crianças, o medo era revelado com os gritos ansiosos e a correria. Elas externavam o que eu não podia fazer. Comecei a me entrosar mais com as crianças e a brincar com elas. Minha Mãe Geilsa de Oyá me dizia rindo, quando nos observava juntos, que eu era mesmo de Yemanjá¹⁵.

O Candomblé é uma família mística que se superpõe às famílias carnavais (BASTIDE, 1983, p.253). Cada comunidade de Candomblé possui características próprias e sua organização segue uma hierarquia e seus fundamentos são passados e reafirmados, quase sempre através da iniciação religiosa e da vivência constante na casa de santo (BARROS, 2004, p.105).

A vivência no Candomblé é primordial para o aprendizado do iniciado e para todos que frequentam o barracão. As crianças participam desse aprendizado e ensinam adultos que como eu não conhecia diversos rituais e preceitos. O objetivo principal do Candomblé é o de trazer a presença dos orixás entre os mortais: acredita-se num ser superior chamado *Olorun*, abaixo encontram-se os espíritos ancestrais, os orixás (nagô), voduns (jeje), *inkices* (Angola e Congo), encantados (caboclos) ou simplesmente são chamados de santos (CARNEIRO, 2002, p.64).

¹⁰ Desde o dia 27 de janeiro fiquei recolhida na casa, e minha saída foi no dia 12 de fevereiro de 2017.

¹¹ Lista de objetos e comidas que devem ser compradas pela pessoa que vai fazer sua iniciação no Candomblé.

¹² Orixá Iansã. Aqui nomearei as crianças de acordo com seus orixás.

¹³ Esteira de palha

¹⁴ Ritual litúrgico no qual animais são sacrificados.

¹⁵ Yemanjá no Candomblé é a mãe de todas as cabeças, por isso é chamada de mãe dos orixás.

As pesquisas na Umbanda e no Candomblé: recortes e relatos

Utilizarei aqui relatos de duas pesquisas sobre Umbanda e Candomblé e quatro artigos científicos – Bergo (2010; 2011), Junior (2013), Cunha (2013), Oliveira (2014) e Monteiro (2017) – nos quais as falas das crianças estão presentes, assim como meus relatos como médium na Umbanda e iniciada no Candomblé, onde as crianças participam ativamente nas tarefas, principalmente em dias de festas no barracão.

O menino de Xangô canta diversas cantigas em *yoruba* e as meninas feitas entram na roda junto com as mulheres adultas. As crianças seguem os mesmos rituais que os adultos, como bater a cabeça¹⁶ para a mãe de santo, usar o colar de contas e usar as vestimentas de acordo com seu orixá. Farei um contraponto entre esses relatos das vozes das crianças nessas pesquisas e a nova Sociologia da Infância, com os autores Mannheim (1993), Montadon (2001), Sirota (2001), Alanen (2001), Iturra (2002), Rocha (2008), Sarmento (2009), Qvortrup (2010), Corsaro (2011) e Arenhart (2016), ampliando o campo de discussão sobre a temática da infância no Candomblé e Umbanda. Realizei uma busca no banco de teses da CAPES com as palavras-chaves candomblé, umbanda, educação, infância, entre 2011 e 2016. Os dados encontrados são apresentados nos quadros¹⁷ abaixo:

Quadro I- Número de dissertações e teses na área de Educação nos períodos de 2011 a 2016

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO	UMBANDA	CANDOMBLÉ
MESTRADO/DOCTORADO EM EDUCAÇÃO	11	40
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO/EDUCAÇÃO	6	31
INFÂNCIA	0	1

Fonte: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>

¹⁶ É um ritual, onde o filho de santo deve pedir a benção, ficando deitado, onde, de acordo com seu orixá de cabeça, deve executar movimentos específicos e, ao final, beijar a mão e falar: a benção.

¹⁷ Alguns trabalhos acadêmicos inseridos neste artigo não contêm as palavras-chaves, mas são citados, pois apresentam narrativas infantis.

Quadro II - Dissertações e Teses por instituição na área de Educação sobre Umbanda

Instituição	Teses	Dissertações
UFPI	0	1
UFMG	1	0
UFMT	0	1
UFPEl	0	1
FURG	0	1

Fonte: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>

Quadro III - Dissertações e Teses por instituição na área de Educação sobre Candomblé

Instituição	Teses	Dissertações
UERJ	0	3
UNICENTRO	1	0
UFMT	1	0
UFSCAR	0	1

Fonte: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/>

Bergo (2011), em sua tese de doutorado em Educação, na Universidade de Minas Gerais, trata de um terreiro de Umbanda traçado com o Candomblé de Angola¹⁸ localizado em um bairro da periferia de Belo Horizonte (MG). A pesquisa foi elaborada a partir de uma incursão etnográfica no universo das práticas cotidianas da Umbanda e buscou identificar e descrever as produções umbandistas como aprendizagem situada, com o aporte teórico de Lave (1991) e Wenger (1991), e como educação da atenção e processo de habilitação a partir de Ingold (2000).

Por ter encontrado poucas dissertações e teses dentro do recorte temporal de 2011 a 2016, neste artigo serão estudados também quatro artigos devido à sua escuta das vozes das crianças. Cunha (2013), no seu artigo sobre o processo de ensino e aprendizagem das crianças que frequentam os terreiros de Umbanda, do Centro Espírita de Umbanda Cabocla Jacira, teve como objetivo conhecer como se dá a transmissão de ensinamentos e como esses rituais são repassados a partir da linguagem utilizada para este fim. Monteiro (2017) trata da iniciação das crianças na Umbanda e sua mediunidade e Oliveira (2014) estuda o desenvolvimento de uma análise em torno da aprendizagem dos processos rituais no Candomblé, a partir da perspectiva das crianças e de uma perspectiva lúdica.

¹⁸ É o culto umbandista muito influenciado pelo Candomblé de rito angolano, que cultua os *inkisis* (ou *minkisi*, também chamados *jinkisi*), que são representantes das forças da natureza. Seus devotos rezam, cantam e se comunicam com palavras originárias das línguas *Kimbundo* e *Kikongo*.

Junior (2013) estudou, na sua dissertação de mestrado na UFB, a compreensão dos processos de aprendizagem, tendo como ponto de partida a observação e análise de como as crianças candomblecistas aprendem a lidar com as demandas implicadas no pertencimento religioso. Sousa (2016)¹⁹, em sua tese de doutorado no PPGE-UFSscar, pesquisou as práticas sociais de culturas infantis no *Ilê Axé Omo Oxé Ibá Latam* em São Paulo e fez uma análise dos dados estabelecendo diálogos entre os princípios de cosmologia de mundo iorubá, presentes no Candomblé, com as premissas legais dos pareceres CNE/CP/03/2004²⁰ e CNE/CB/20/2009²¹, pertinentes à Educação Infantil.

A escolha dessa bibliografia foi delimitada à valorização das falas e relatos das crianças, pois ao pesquisar sobre o assunto na base de dados da CAPES e do *Scielo*, foram encontradas poucas pesquisas entre 2011 e 2016. Esses relatos infantis são importantes nas pesquisas com crianças (ROCHA, 2008, p.48), pois nessa escuta procuramos conhecer e confrontar um ponto de vista diferente daquele que nós, adultos, somos capazes de ver e analisar. Essa escuta é justificada pelo reconhecimento das crianças como agentes sociais e protagonistas de trocas culturais. Nas pesquisas citadas, a Umbanda e o Candomblé são analisados pelo reconhecimento da criança e os elementos constitutivos do processo de recolha da sua voz (QUINTERO, 2009, p.21).

A pesquisa de Bergo (2011) traz um relato de três crianças, mas não se detém nelas, por isso não aparece no quadro I, sobre umbanda e infância. Decidi usá-la aqui exatamente pelas vozes das crianças, o mesmo se refere à dissertação de Junior (2013), que prioriza esses relatos infantis. Utilizarei o artigo de Bergo (2010) para ilustrar melhor sua perspectiva, dando continuidade em sua tese, defendida em 2011.

Infância na Modernidade

Na Idade Média, o adulto não tinha consciência da diferença essencial entre ele e uma criança. Assim que a criança tinha condições de viver sem os cuidados constantes da

¹⁹ Decidi não usar essa pesquisa, pois não apresenta as vozes das crianças e nem relatos sobre as culturas infantis.

²⁰ Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana.

²¹ Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.

mãe, ou de qualquer outra pessoa ela, era introduzida à sociedade dos adultos (ARIÉS, 1982, p.158).

Essa passagem na Modernidade tem uma outra organização estrutural, em que a criança é inserida na categoria infância, compreendida como um espaço social criado para recebê-la desde o nascimento até se tornar adulta. Essa categoria infância não desaparece, ela continua a existir para receber novas gerações de crianças. Administrações simbólicas foram criadas pelos adultos, com instrumentos reguladores, de proteção e direitos: *a infância tanto se transforma de maneira constante assim como é uma categoria estrutural permanente pela qual todas as crianças passam* (QVORTRUP, 2010, p.637).

Quando nos referimos à infância como forma estrutural, queremos dizer que é uma categoria ou uma parte da sociedade, como grupos de idade (CORSARO, 2011, p.15). As crianças fazem parte da categoria infância e saem dela quando passam para a categoria dos adultos, só que nesse caminho há uma troca de conhecimentos tanto entre os adultos e as crianças, quanto com as crianças com seus pares. Essas trocas culturais se traduzem em uma cultura infantil, que tem pontos de vista diferentes dos adultos, mas não por isso são menos importantes.

A infância faz parte da sociedade, ela afeta e é afetada por tudo que acontece nela. Ela é um fenômeno social, que caminha junto e não separada da sociedade. A infância contribui ativamente para a cultura dos adultos e produzindo e criando sua própria cultura (CORSARO, op. cit., p.53). O quadro exposto é o de que a categoria geracional da infância interage com a categoria geracional dos adultos, como opostos e complementares nessa construção da sociedade.

Infância na Umbanda e no Candomblé, relatos de pesquisas

As crianças nas sociedades modernas começaram a interagir em vários locais institucionais, como os campos religiosos e outros também (CORSARO, op. cit., p.38). E cada vez mais elas chegam a esses campos em uma idade precoce e interagem com adultos e outras crianças, que não são membros da sua família. Dentro desses domínios institucionais as crianças começam a produzir e participar de uma série de cultura de pares.

Não há grupo social sem a interação entre adultos e crianças. O saber da criança passa pela forma de interagir com o mundo, em toda sua extensão, também fora do mundo

escolar. Os símbolos, palavras e hierarquias dentro de um meio que façam sentido para a criança são importantes para uma transferência de saberes (ITURRA, 2002, p.139).

A criança nas religiões de matriz africana conhece e se reconhece dentro desses símbolos, palavras e hierarquias da religião. A Umbanda e o Candomblé se baseiam nessa transmissão de saberes, mas poucas análises ou quase nenhuma são pela ótica da criança. Nos estudos sociológicos e antropológicos da Umbanda e do Candomblé, os adultos sempre foram o centro das pesquisas, seus saberes e sua passagem de conhecimentos rituais estão em livros editados e cadernos escritos por adultos.

A identidade das crianças umbandistas e das candomblecistas é também suas identidades culturais, da sua vivência no cotidiano dessas religiões. Esses saberes não teriam sentido fora desse contexto, pois a criança acessa a materialidade desses saberes no inconsciente e no consciente. A continuidade desses saberes é ponto primordial da continuidade desses e de outros grupos sociais (ITURRA, 2002, p.139).

É nesse contexto da Umbanda e do Candomblé que vamos observar e discutir sobre as pesquisas, priorizando os relatos infantis, utilizando a Sociologia da Infância e de acordo com os autores Mannheim (1993), Sirota (2001), Alanen (2001), Iturra (2002), Rocha (2008), Sarmiento (2009), Qvortrup (2010) e Corsaro (2011), com o objetivo de perceber as culturas infantis nestes espaços.

A modernidade europeia influenciou tanto a visão de infância quanto a estrutura familiar, trazendo diferentes formas de introduzir a criança no espaço religioso. Os espaços religiosos aqui apresentados, Umbanda e Candomblé, trazem maneiras diferentes de iniciar as crianças e de percepção de como as vozes infantis dos relatos são importantes para compreender as culturas infantis e a relação geracional entre adultos e infância, nestes contextos.

No Templo a Caminho da Paz, onde frequentei como médium, a categoria infância não participava de todos os espaços da casa, a categoria geracional dos adultos que é gira²². A infância precisava ainda ser preparada com a evangelização, que funcionava no horário da gira; os pais médiuns levavam seus filhos e a assistência também podia inscrever seus filhos. De acordo com o *site* do templo, a criança não tem poder de decisão de frequentar a evangelização, ela deve ser levada pelos pais sem consulta prévia aos

²² Culto ritualístico, onde os médiuns recebem suas entidades e dão consultas e passes na assistência.

filhos. A evangelização é tida como uma forma compulsória da criança de ser inserida na religião:

Evangelização

Aulas de Moral Cristã e iniciação a Umbanda todas as 3ª feiras, das 20h às 21:30h e Sábados, das 15h às 16:30h durante as sessões.

Criança evangelizada = Jovem Seguro = Adulto Equilibrado
Evangelização infantil. A orientação moral recebida por uma criança, principalmente nos sete primeiros anos de vida, quando ela está mais receptiva, pode nortear sua encarnação atual. Nas aulas de Evangelização Infantil são lembrados à criança – que é um espírito milenar – através de estórias e exemplos de seu dia-a-dia, os ensinamentos de Jesus, valorizando sentimentos como a fé, o perdão, a amizade, o respeito e o amor a Deus e ao próximo. Nenhum pai ou mãe pergunta ao filho se quer tomar banho, se deseja estudar ou o que acha de ingerir o remédio receitado pelo médico. Assim, também a frequência aos Grupos de Evangelização Infantil não deve ser decidida pela criança. Aos pais cabe, não apenas proporcionar a seus filhos uma orientação religiosa, mas acompanhar seu aprendizado, reforçar as lições, valorizando cada atividade desenvolvida pela criança, bem como o esforço dela em aprender e evoluir. A responsabilidade de cada pai, cada mãe é enorme. Um dia lhes será perguntado o que fizeram pelo crescimento intelectual, moral e espiritual do espírito que lhe foi confiado nesta encarnação como filho (TEMPLO A CAMINHO DA PAZ, 2018²³).

Observei que as crianças que não participavam da evangelização ficavam perto dos seus pais nas consultas com as entidades. E, diversas vezes, vi alguns médiuns tomando conta de crianças no momento da consulta dos pais com as entidades, na gira, tanto para que não escutassem o que era dito, como para que elas não entrassem em contato com as entidades. Esses pais tinham como deixar seus filhos na evangelização, pois era no mesmo horário da gira, mas optavam por não as levar.

A maioria das crianças da evangelização era de crianças filhas dos médiuns, do que da assistência. A evolução espiritual na Umbanda da criança está a cargo da família que deve levar seus filhos para a evangelização, (...) *a criança é a representação da continuidade, manutenção e perpetuação da família e, conseqüentemente, da própria Umbanda* (MONTEIRO, 2017, p.124).

A relação criança-adulto na Umbanda está encarcerada nas teorias desenvolvimentistas de aprendizagem, em que o adulto tem o dever de ensinar

²³ Publicado no site do templo, no periódico Seara Espírita <http://temploacaminhodapaz.com.br/evangelizacao-francisquinho-da-cachoeira> - Acesso em novembro de 2018.

gradualmente os fundamentos da religião, pois seguem um raciocínio binário de que a criança necessita do adulto para evoluir e tem como padrão de transformação ele próprio, o adulto:

Assim sendo, a criança é imaginada senão em relação a uma concepção de adulto, mas também é impossível criar uma noção possível de adultez e da sociedade adulta sem primeiro tomar em consideração a criança (JENKS, 2002, p.186).

Na Umbanda, de acordo com os relatos da pesquisa, a criança é um ser que se tem a obrigação de amparar e guiar:

Eles acreditam que a formação moral e religiosa desta criança é antes de tudo um dever, uma missão. Eles têm uma grande missão educacional que é a de formar indivíduos probos e moralmente perfeitos, que tenham uma conduta de vida dentro do que eles consideram adequado (MONTEIRO, 2017, p.120).

Percorrendo o universo da Umbanda na pesquisa, a ida das crianças às casas e sua iniciação se deve muito também à participação e sensibilidade de seus pais e parentes para com a religião e seus ensinamentos (CUNHA, 2013, p.10). Os adultos da família podem frequentar a Umbanda, mas isso não deixa claro que todos aceitem e sigam a mesma linha religiosa para os filhos. Outros trazem os filhos apenas por não ter onde deixá-los, não se preocupando em repassar os fundamentos. Numa entrevista sobre a participação das crianças nos preparativos das festas da Umbanda, a mãe responde:

G.: Uai, elas estão aí, né? Ficam de olho em tudo. Nem tem jeito de não estar. A casa toda fica envolvida. Tem hora que até perturba. A T., não, que ela sabe das coisas. Ela sabe o que tem que fazer. Mas os outros... Nossa Senhora! Ficam passando, brincando, correndo. Tem hora que... nossa! A gente procura dar ocupação pra eles. Dá umas tarefinhas. Mas, por exemplo, coisas mais complexas, quando a gente tem que ir pra natureza, preparar as coisas, ir nas encruzilhadas, aí não dá porque é muito sério o que a gente tem que fazer. Por exemplo, se alguém vê a gente preparando alguma coisa na encruzilhada vai pensar: “Ah, esse aí tá fazendo macumba, vai fazer mal para alguém”. E às vezes não sabe que aquilo ali é fundamental para dar tudo certinho na festa. Aí os meninos, numa situação dessas eles não vão saber responder, vão triste, com raiva. Então a gente prefere que eles não vão, porque é pesado. Tem que saber aguentar (BERGO, 2011, p.17).

No relato, aparece a preocupação de dar tarefas básicas para as crianças e ocupá-las e não de repassar os fundamentos religiosos. Há também uma preocupação em retirá-las de rituais mais complexos, principalmente nos chamados rituais pesados, como ir em

uma encruzilhada separando o mundo da aprendizagem adulta nos rituais e o da infância (BERGO, 2010, p.90).

A infância é atravessada por contradições e desigualdades, porque as imagens sociais construídas sobre os papéis que devem ser representados pelas crianças estão de acordo com cada período histórico (SARMENTO, 2009, p.8). Essa imagem construída é observada no relato de que eles poderiam não saber responder ou ficar com raiva, isolando-os de um ritual onde poderiam ser observados pela sociedade. O sentimento familiar moderno trouxe esse cuidado maior sobre a infância, pois a relação entre pais e filhos tornou-se mais íntima e igualitária (ARIÈS, 1986, p.236), mas ao mesmo tempo trouxe uma preocupação maior na sua proteção e cuidado. Já no Candomblé todos os membros participam das preparações de festas e rituais:

Todos comem no terreiro, ali se banham e se vestem. Às vezes, dorme-se no terreiro noites seguidas, e muitas mulheres se fazem acompanhar de filhos pequenos. É uma enormidade de coisas a fazer e de gente ocupada com isso (PRANDI, 2005, p.24).

A iniciação é uma porta de entrada para a religião? No Candomblé seria a porta de entrada para alguns rituais, pois as crianças circulam livremente pelo terreiro e tem a autonomia de participar ou não dos rituais. A pesquisa num terreiro, na cidade de Juazeiro, na Bahia observou que:

As crianças circulam livremente pelo terreiro enquanto as atividades rituais ainda não se iniciaram, e o que parece não ter muita relevância para os adultos, em verdade, do meu ponto de vista, é fundamental para a construção da pessoa, e para a aprendizagem das crianças, que no ato de circular pelo terreiro experimentam a multiplicidade simbólica existente naquele espaço (OLIVEIRA, 2014, p.6).

Diferente de outras religiões de matriz africana, as crianças umbandistas, que são levadas pelos pais para a gira, têm formas de iniciação na religião diferenciada:

Geralmente, na Umbanda, a criança que nasce em uma família umbandista recebe o nome do seu protetor ou protetora em uma cerimônia celebrada pela mãe ou pai de santo do terreiro, durante uma sessão ou gira para pretos-velhos ou caboclos. O responsável ou a entidade guia, chefe do terreiro batiza utilizando uma série de elementos tais como água da cachoeira, azeite e ervas. Ela abençoa a criança e oferece proteção. A iniciação de fato, geralmente, só vai acontecer na fase adolescente ou adulta, quando a pessoa manifesta a vontade de seguir a religião (MONTEIRO, 2017, p.110).

Na Umbanda, há rituais de batismo e proteção desde o nascimento, mas a iniciação só acontece quando se torna adolescente ou adulta; no Candomblé, as crianças são iniciadas (mesmo bebês) e passam por todos os rituais como os adultos. Na Umbanda, no Templo a Caminho da Paz, só vi o batismo de crianças e, apenas a partir de 17 anos, os jovens poderiam participar do curso de iniciação e da gira.

Esse lugar da infância, tanto na Umbanda quanto no Candomblé, é determinado pelos adultos e uma das teses de Qvortrup (2011, p.203) sobre a infância afirma que o lugar que a criança ocupa em determinada instituição social, e a religião é uma delas, corresponde ao lugar que é dado pelo grupo dominante, os adultos. A diferença está na participação da infância na Umbanda e no Candomblé. No Candomblé, em um dos relatos de pesquisa de Ticianá, *ekede* e mãe de Zaion (um ano e cinco meses) e de Yuri (sete anos), as crianças se tornam adeptas do Candomblé a partir de seu envolvimento diário nas tarefas do terreiro, mesmo antes da iniciação formal. A mãe ao ser questionada sobre onde as crianças aprendiam, responde:

Aqui mesmo é com a convivência, porque a gente já mora aqui dentro, tudo que tem eles tão junto. Se vai fazer uma matança tá colado comigo, e ele [Zaion] que é pequeno ele ainda participa de tudo, porque ele tá comigo desde a barriga praticamente. E o outro pela mesma forma, o mais velho [Yuri] desde criança, de bebê convive aqui com o Candomblé. Nunca faltou uma festa (TICIANA apud JUNIOR, 2013, p.54).

Outro relato reforça como é a iniciação na Umbanda. Numa entrevista realizada para a pesquisa feita por Cunha (2013) com Pai Auri, do Centro Espírita de Umbanda Cabocla Jacira, que aceita crianças apenas cujos pais também frequentam o seu terreiro, pois acredita que o processo de aprendizado se dá de maneira mais fácil, ele faz a seguinte consideração:

Porém afirma que não há uma idade certa para começar, há crianças que começam desde o nascimento, outras com sete anos, porque para ele é daí que se começa. Segundo Pai Auri “não há um ritual específico para a iniciação das crianças. O que fazemos é um Batizado das águas, independente de ser criança ou não. É só levar água benta, vela e água mineral. O ritual é semelhante ao da igreja católica. Tem padrinho também.” (CUNHA, 2013, p.7).

Iniciar na Umbanda difere do Candomblé, principalmente na participação dos rituais, e observando um grupo umbandista no Rio de Janeiro, Monteiro (2017) percebeu que uma saída adotada nos últimos anos pela nova direção deste grupo de Umbanda é o

retardamento da iniciação até a criança atingir a maturidade, que possa compreender o que está acontecendo. Esse retardamento envolve rituais específicos chamados de *malembe*, que significam pedir perdão às entidades, e, ao mesmo tempo, um prazo através de um *bori*²⁴, um ritual de fortalecimento ou um presente ao orixá, dono da cabeça:

A própria sociedade fragiliza a criança como ser incapaz que só deve brincar e estudar para um futuro melhor: a criança não deve trabalhar. E à medida que ela é considerada um ser humano que não tem personalidade definida, não poderá imprimir sua marca pessoal na construção da identidade de suas entidades, isto é, não haverá uma interação entre as histórias de vida destes personagens e as experiências vivenciadas pela criança (MONTEIRO, 2017, p.120).

Como na Umbanda receber as entidades e dar consultas se chama trabalhar para a religião e de acordo com a modernidade, o trabalho não faz parte do ofício de ser criança. Para outro autor, a infância é parte integrante da sociedade e de sua divisão de trabalho:

Penso que se possa discutir, de modo convincente, que crianças são participantes ativas na sociedade não somente porque realmente influenciam e são influenciadas por pais, professores e por qualquer pessoa com quem estabeleçam contato, mas também por duas outras razões: primeiro, porque elas ocupam espaço na divisão de trabalho, principalmente em termos de trabalho escolar, o qual não pode ser separado do trabalho na sociedade em geral; na realidade, essas atividades são totalmente convergentes no mercado de trabalho (QVORTRUP, 2011, p.205).

Quando uma criança incorpora uma entidade e dá consultas na gira da Umbanda, pode reforçar o olhar adultocêntrico de proteção e cuidado, gerando conflitos, pois a Constituição Federal Brasileira (BRASIL, 1988) e o Estatuto da Criança e do Adolescente (BRASIL, 1990) proíbem a oferta de qualquer tipo de bebida alcoólica e fumo a menores de 18 anos de idade.

Para os fiéis, está claro que durante uma possessão não é o médium que fuma, bebe, dança, canta ou conversa com a assistência. Porém, segundo a pesquisadora, se ocorrer algum tipo de denúncia e durante um ritual o terreiro for visitado por conselheiros tutelares ou oficiais da Promotoria da Infância e Juventude e encontrarem crianças bebendo, mesmo incorporadas com o preto-velho, é possível que a casa venha a ter problema, podendo até mesmo ser interditada:

²⁴ A palavra designa o ato de dar comida à cabeça de alguém. O *bori* alimenta a cabeça, como parte do corpo especial, sagrada, com rituais de alimentos feitos específicos para esse fim (VOGUEL, 1998, p.32).

Como se sabe, na grande maioria dos terreiros de umbanda, as entidades que ali se apresentam consomem bebidas alcoólicas e fazem uso de fumo quando estão incorporadas nos médiuns. Sabemos também que há médiuns de todas as idades; não existem restrições neste sentido, havendo até mesmo pessoas que já nascem “viradas no santo”, como vimos. Sendo assim, foi muito frequente ver nas rotinas da “Casa do J.” as entidades espirituais bebendo e fumando quando “baixavam” nos corpos infantis de seus “filhos” (BERGO, 2011, p.172).

No Templo a Caminho da Paz, na gira, apenas jovens de mais de dezessete anos participavam e era avisado antes que não poderiam servir bebida às entidades incorporadas nesses jovens. No Candomblé, participei de uma festa de pombagira, mas ali não vi nenhuma criança incorporada. A questão central que se coloca aqui é a restrição por parte do adulto de controlar e regular por regimes de disciplina, aprendizagem, desenvolvimento e maturação sem considerar ou ouvir o que ela tem a dizer (JENKS, 2005, p.421). A Sociologia da Infância trouxe novos olhares sobre esse assunto:

A sociologia da infância propõe-se a constituir a infância como objecto sociológico, resgatando-a das perspectivas biologistas, que a reduzem a um estado intermédio de maturação e desenvolvimento humano, e psicologizantes, que tendem a interpretar as crianças como indivíduos que se desenvolvem independentemente da construção social das suas condições de existência e das representações e imagens historicamente construídas sobre e para elas. Porém, mais do que isso, a sociologia da infância propõe-se a interrogar a sociedade a partir de um ponto de vista que toma as crianças como objecto de investigação sociológica por direito próprio, fazendo acrescer o conhecimento, não apenas sobre infância, mas sobre o conjunto da sociedade globalmente considerada (SARMENTO, 2005, p.363).

Aqui não importa saber o que é certo ou errado, mas perceber o olhar e o lugar da infância nessas religiões de matriz africana. Essa perspectiva biológica, de maturação e desenvolvimento humano é um olhar adultocêntrico de avaliar a criança. O umbandista não questiona se uma criança pode ter mediunidade, pelo contrário, muitas vezes ela é celebrada e é desejado que as crianças de terreiro manifestem cedo seus dons. Porém, alguns adeptos têm dúvidas quanto à validade do seu transe, da forma como a entidade vai atuar no terreiro, principalmente quando a entidade fuma e bebe, e outros mesmo chegam a temer a rejeição futura da criança quando se tornar adulta:

O discurso a favor não vê nenhum problema, valoriza a continuidade do grupo e a certeza da ancestralidade. O discurso contra considera que o desenvolvimento espiritual pode prejudicar o seu desenvolvimento físico e intelectual. Para eles, a criança tem um organismo frágil e imaturo, que nem sempre acompanha o seu desenvolvimento intelectual e vice-versa. Chegam mesmo a afirmar que a criança tem muita

imaginação e iniciá-la poderia ocasionar consequências perigosas ao seu equilíbrio espiritual e mental (MONTEIRO, 2017, p.117).

O conceito de geração nos permite distinguir o que separa e o que une as crianças dos adultos, nos planos estruturais e simbólicos (SARMENTO, 2005, p.366). Na Umbanda o que separa no campo geracional a criança do adulto é a determinação da verdade mediúmica, porque como é possível dizer que um adulto está com aquela entidade e a criança não?

O adulto por conhecer determinadas características das entidades pode tornar mais fácil dissimular estar incorporado e a criança que não tem essa percepção de dissimular, enganar, pode estar mais incorporada que um adulto. Isso não significa que a criança não brinque de estar incorporada, isso é diferente do seu envolvimento espiritual na gira, na incorporação. Tanto o adulto como a criança podem ser afetados por imaginações psicológicas que podem influenciar na sua incorporação, mas o poder de decisão da participação das crianças nas giras está nas mãos dos adultos.

Assim sendo, a categoria geracional adulta impõe à categoria infância controles e regimes de disciplina, aprendizagem e desenvolvimento diferentes. Essas fronteiras são erguidas por uma hegemonia geracional adulta, legitimadas por meio da ideologia de cuidado, proteção e privacidade (JENKS, 2005, p.422). A infância como categoria geracional pressupõe pluralidades de infâncias, mas tem como contraponto a categoria adulta:

Em outras palavras, a infância como categoria não se dissolve porque existe uma pluralidade de infâncias; ao contrário, confirma-se por meio destas. Qualquer categoria é caracterizada ou parcialmente determinada pela categoria oposta ou complementar. É o que nos mostram as pesquisas sobre gênero (mulheres e homens), os estudos de classe (proletários e capitalistas), ou as investigações étnicas (indígenas e grupos de imigrantes) (QVORTRUP, 2010, p.1132).

Na Umbanda há o componente geracional que se revela no cotidiano das relações com as crianças. “Pensava que apenas o “tempo de santo”²⁵ tinha relevância. T., por exemplo, do alto de seus quatorze anos de “feitura” (e de idade) me parecia desfrutar de todos os privilégios e exigências que esta condição poderia lhe conferir” (BERGO, 2011, p.170). A intensificação do trabalho de campo, a coleta sistemática de dados e,

²⁵ Tempo hierárquico da religião começa com a feitura (iniciação) e a partir daí começa uma contagem de anos, renovando-se as obrigações com seu orixá na contagem de um ano, três anos, sete anos, quatorze anos e vinte e um anos.

principalmente, a possibilidade que a pesquisadora teve de participar em diversos momentos de situações cotidianas, rotineiras, revelaram o lugar que o componente geracional ocupava nesse cenário:

Mesmo os abicuns²⁶ e aquelas crianças mais avançadas em seu processo de desenvolvimento religioso têm sua condição infantil respeitada, e isto traz conseqüência para as formas de participação no terreiro. T., por exemplo, por ser abicum²⁷ possui uma grande responsabilidade na “Casa”, no entanto, ela não é obrigada a participar de todas as suas rotinas. Justamente pelo fato de ser criança, ela é respeitada em sua vontade (BERGO, 2011, p.171).

No Candomblé, de acordo com Mara, mãe de Taymara (cinco anos) e Mayara (nove anos), fazer ou não o santo é uma decisão que, em alguma medida, precisa levar em consideração a vontade de muitos, incluindo a das próprias. Contudo, e isto, segundo ela, a decisão final é dos pais:

Taymara (5 anos) é equede d’Ogum. Segundo Mara, antes de fazer o santo, a cabeça de Taymara “estourava toda de feridas”, uma dermatologista recomendou-lhe a aplicação de um antibiótico injetável, mas ela se recusou a fazê-lo e decidiu realizar o tratamento com pomadas, sem grande sucesso. Diante disto, o Tata Ricardo falou: “vamos fazer o santo dela que Ogum há de curar”, conta Mara. Segundo ela, após a feitura do santo, “não estoura mais um caroço” (JUNIOR, 2013, p.69).

A partir dos relatos, concordo com Sirota (2011, p.567) quando coloca que não podemos pensar a criança como um *devir*, é preciso pensá-la no presente, no que já é e não no que pode vir a ser: *a gente considera a criança em devir segundo a percepção durkmeniana, duma transmissão de geração para geração que fazia surgir o ser social, ser frágil, porque se precisava construir sua educação* (SIROTA, 2011, p.569).

Pensar o que é importante para essa criança tanto no Candomblé quanto na Umbanda, agora, no seu presente, ela precisa ser ouvida e conhecer suas culturas infantis, dentro desse contexto religioso. É necessário refletir sobre os novos modos de trajetórias de vida das crianças na modernidade (SARMENTO, 2005, p.363).

²⁶ Abicú é uma criança que necessitará de muitos cuidados espirituais para evitar sua morte prematura, necessitando de acompanhamento desde o nascimento.

Com a iniciação na religião elas começam a ter mais responsabilidades e contato com mais rituais, principalmente no Candomblé, onde diversas crianças crescem nos terreiros:

Penso que o processo de iniciação no Candomblé, considerando a realidade das crianças que “cresceram no terreiro”, depende de dois tipos diversos de aprendizagens, uma primeira oriunda da vivência na cultura dos pares, que envolve as danças, as brincadeiras de tocar atabaque, de cair no santo etc., que se mostra como um dispositivo fundamental para compreendermos a aprendizagem entre as crianças, desenvolvidas principalmente a partir de uma cultura corpórea; outra direcionada pelos adultos, que aciona os conhecimentos necessários para a realização da iniciação formal, o que inclui o recolhimento ritual (OLIVEIRA, 2014, p.12).

A infância é uma categoria social do tipo geracional e também um grupo social participante e ativo, que interpreta e age no mundo em que vive: *as culturas infantis constituem, com efeito, o mais importante aspecto na diferenciação da infância* (SARMENTO, 2005, p.25). As culturas infantis são produzidas pelas crianças, com seus pares e com os adultos. Essa produção de culturas infantis é transformada em práticas e gradualmente em conhecimentos. As crianças participam e contribuem ativamente no meio social. Se apropriando, reinventando e reproduzindo, nas atividades coletivas com os adultos e seus pares (CORSARO, 2011, p.31).

A participação da criança na Umbanda produz uma distinção entre o que é sério e o que é brincadeira, pois certamente uma das atividades mais trabalhosas dos pais durante as atividades era o controle sobre os filhos e a permanente repreensão sobre as brincadeiras:

O sinal do adjá demarca o início das atividades rituais, que implica na organização dos filhos e filhas-de-santo no espaço do terreiro, o que inclui as crianças tanto as que passaram, quanto as que não passaram pelo processo de iniciação. O olhar dos pais sobre os filhos é contínuo, pois os adultos temem que as crianças façam brincadeiras durante os trabalhos (OLIVEIRA, 2014, p.8).

As rotinas nas quais as crianças participam ativamente servem de âncoras para lidar com os imprevistos, com as ambiguidades e com sentimentos conflituosos e angústias (CORSARO, 2011, p.31). Participar das rotinas e do cotidiano, tanto no Candomblé quanto na Umbanda, traz para as crianças essas âncoras de conforto e naturalidade sobre os ritos religiosos. Participei da minha primeira matança no Candomblé e fiquei angústiada e assustada, mas percebi que as crianças estavam brincando e gritando, olhando para a escada e tentando adivinhar qual bicho seria

sacrificado no ritual. Os menores corriam e tapavam os olhos, os maiores, que na verdade têm entre cinco e seis anos, riam e corriam atrás dos menores no corredor.

No Candomblé, fingir que está raspando uma iaô ou fazer de conta que rodou no santo fazem parte das brincadeiras infantis. Embora o pai de santo da casa de sua pesquisa afirme que não é bom as crianças ficarem brincando disto, um autor percebeu que em algumas ocasiões certas transgressões são toleradas e até mesmo incentivadas entre elas, e afirma que:

Observe-se que para participar dessa dinâmica as crianças não precisariam necessariamente ter se submetido à iniciação no Candomblé, contudo estar familiarizado com a religião – em outros termos, habitar o terreiro – é condição de possibilidade para que essas brincadeiras possam surgir. Em sua cotidianidade, as crianças falam com os santos, cumprimentam-lhes, tomam-lhes a benção, envolvem-se nas conversas dos mais velhos, imitam os adultos e os orixás (JUNIOR, 2013, p. 54).

Ao participar das rotinas as crianças aprendem as regras e percebem que variações de regras são possíveis e até desejáveis. Essas transgressões são toleradas e incentivadas, porque o importante é que haja um entendimento na interação adulto-criança, pois nem tudo as crianças compreendem plenamente (CORSARO, 2011, p.33).

A criança pode ou não compreender que está transgredindo as regras dos rituais. Na pesquisa no terreiro de Juazeiro, as crianças participavam da roda, dançavam e também cantavam em iorubá, e quando uma delas errava, outras corrigiam ou simplesmente todas erravam juntas, havia uma troca e cumplicidade com seus pares (OLIVEIRA, 2014, p.10). A pesquisa sobre as crianças no Candomblé descreve uma conversa entre as crianças:

Yuri: [Para Zaion]. Como é que o Ogum de Zainho faz? Como é que o santo de Bira faz?

[Zaion encosta os punhos nas costas, na altura da cintura, fecha os olhos e começa a se balançar. Neste momento, todos nós rimos.]

Ticiania: Ele bota a mão pra trás e fica assim...

Yuri: O olho bem apertado... [Fala para Zaion, que cerra ainda mais os olhos] (JUNIOR, 2013, p. 55)

Na pesquisa sobre a Umbanda em que P., 10 anos, precisava de um banquinho para tocar o atabaque maior ou fica na ponta dos pés para alcançar o menor:

Não obstante, foi interessante observar que sua dedicação é vista por muitos da “Casa do J.” como bisbilhotice: “Esse menino se mete em tudo, fala demais, pergunta o que não deve. É um enxerido”. Por precaução, algumas vezes fica sob vigília dos ogãs mais experientes que dificilmente o elogiam e, ao contrário, sempre fazem zombarias ou

piadas: “Ele até melhorou as pancadas [no atabaque] só não pode inventar demais”; “Ê, P.! Quer furar o couro, rapaz?”; “Se deixar, ele sozinho toca, canta, defuma, reza, dá passe, acolhe os guias, atende a assistência... Pode até dispensar Pai J.” (BERGO, 2011, p.166)

E observando pela primeira vez o barracão de Candomblé, onde as crianças corriam e brincavam com os atabaques:

Eu, na minha condição adultocêntrica, pensei: eles vão levar uma bronca brincando com atabaque, mas ninguém falou nada. Não resisti, levantei e fui até as crianças, que me ignoravam, até que perguntei: “Vocês vêm sempre aqui?” O que estava correndo já disse: “Claro que sim, tia, eu moro aqui!” (SOUSA, 2013, p.87).

Souza (2013), no Candomblé, e Bergo (2011), na Umbanda, apresentam relatos sobre os meninos que tocam os atabaques nos rituais, e concluem que eles procuram participar além do que é esperado, praticam, olham e criam. Essa criação é uma produção de culturas infantis, que devem ser apontadas e estudadas.

Os adultos também foram crianças um dia e aprenderam com seus pares e essa troca continua na sua vida adulta com outras crianças. Há uma circularidade na aprendizagem e na troca de saberes nas religiões de matriz africana, que permeiam o conhecimento e a aprendizagem. Essa troca com seus pares e adultos nas culturas infantis são produções coletivas e criativas que se integram no modelo de teia global:

As crianças produzem e participam de suas culturas de pares, e essas produções são incorporadas nas teias de experiências que elas crianças tecem com outras pessoas por toda sua vida. Portanto, as experiências infantis nas culturas de pares não são abandonadas com a maturidade ou o desenvolvimento individual; em vez disso, elas permanecem parte de suas histórias vivas como membros ativos de uma determinada cultura (CORSARO, 2011, p.39).

Desse modo não são só os adultos que intervêm junto às crianças, mas as crianças também intervêm junto aos adultos. As duas culturas, dos adultos e das crianças, são interligadas.

Conclusão

O objetivo aqui foi trazer a partir de pesquisas e relatos como a infância é tratada nos contextos religiosos da Umbanda e do Candomblé, mas poucas pesquisas foram encontradas com o foco na infância. Pequenos recortes foram apresentados para elucidar um pouco como a categoria geracional da infância é vista nesses contextos. A Umbanda

por ter um número menor, tanto de artigos e pesquisas, reforça que há um campo enorme a ser explorado sobre a infância.

No Candomblé, há um número um pouco maior de pesquisas, mas com o foco voltado para as aprendizagens e a relação com a Escola. Mesmo quando há falas das crianças, as culturas infantis não são abordadas utilizando o campo teórico da Sociologia da Infância. A categoria geracional infância nos permitiu distinguir no artigo um pouco o que separa e o que une as crianças tanto da Umbanda como do Candomblé, usando como contraponto a categoria geracional dos adultos.

Percebemos que o ponto de entrada das crianças na Umbanda e no Candomblé é a família. Quando inseridas no contexto religioso, a visão moderna de infância, na qual há a proteção e o cuidado dado tanto pela família quanto pelas leis de proteção às crianças, produz um apagamento das culturas infantis, e talvez por isso haja tão poucas pesquisas voltadas para este tema.

Na Umbanda, a categoria infância é vista como um tempo de preparação para o médium adulto, onde a evangelização é importante, mas também compulsória, onde as crianças devam ser levadas, mesmo que elas não queiram participar. No Candomblé, as crianças também são levadas pelos pais, mas a liberdade de brincar e participar dos ritos produz uma troca maior entre as categorias: adultos/crianças e crianças/crianças.

Recomenda-se que se amplie o campo de pesquisas sobre a infância na Umbanda e no Candomblé, pois os estudos apontam que as crianças ainda sofrem um apagamento do olhar adultocêntrico, o qual nega que elas existam nessas religiões e que construam suas culturas nelas.

Deduzo pelo quadro aqui exposto que as pesquisas enfocam uma relação escola/religião, mas elas não são as únicas relações que existem no campo das culturas de pares, as crianças interagem e se comunicam nas religiões Umbanda e Candomblé. Apenas há que se observar mais a fundo e analisar a infância nessas religiões do ponto de vista da criança e ir além do campo de pesquisa Escola/Umbanda, Escola/Candomblé.

Referências Bibliográficas

ALANEN, Leena. *Teorizando a infância*. Zero- a- seis, Florianópolis, v. 10, n. 35, jan. / jun. 2017.

ALANEN, Leena; CASTRO, Luciana Rabello de. *Crianças e jovens na construção da cultura*. *Crianças e jovens na Construção da Cultura*, Rio de Janeiro, p.228, jan.2001.

ARENHART, Deise. *Culturas infantis e desigualdades sociais*. 1 ed. Petrópolis: Vozes, 2016.

ARIÈS, Phillipe. *História social da criança e da família*. 2 eds. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986. 275 p.

BANCO DE TESES CAPES. Banco de teses CAPES. Disponível em: <http://bancodeteses.capes.gov.br/banco-teses/#/> - Acesso em: 02 ago. 2017.

BARROS, José Flávio Pessoa de; TEIXEIRA, Maria Lina Leão. “O Código do Corpo: Inscrições e Marcas de Orixás”. In: *Candomblé: Religiões do Corpo e da Alma. Tipos psicológicos das religiões afro-brasileiras*. Rio de Janeiro: Editora Pallas, 2004.

BASTIDE, Roger. *As religiões africanas no Brasil: Contribuição a uma Sociologia das interpenetrações de Civilizações*. Segundo Volume ed. São Paulo: Livraria Pioneira, Editora Da Universidade de São Paulo, 1960. 555 p.

_____. *O Candomblé da Bahia: rito nagô*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

_____. *Estudos afro-brasileiros*. São Paulo: Perspectiva, 1983. 384 p.

BERGO, Renata Silva. “Eu sou Muzenza: o terreiro de umbanda como contexto de aprendizagem na prática”. *Paidéia*, Belo Horizonte, n. 8, p. 81-101, jan. /jun.2010.

_____. Tese de doutorado: *Quando O SANTO chama: O terreiro de umbanda como contexto de aprendizagem na prática*. UFMG, Belo Horizonte, p.249, abr.2011.

CORSARO, William A. *Sociologia da infância*. Porto Alegre: Artmed, 2011. 384 p.

CUNHA, Nayana de Castro; (ORIENTADORA), Maria De Lourdes Macena De Souza. *Brinquedo de tambor: Processo de Ensino e Aprendizagem na Umbanda*. Anais eletrônicos do XVI Congresso Brasileiro de Folclore, Florianópolis, out. 2013.

GUTMAN, Cátia Regina. Dissertação de Mestrado: *Oralidade e escrita no Candomblé*. Universidade Católica de Petrópolis. Mestrado em Educação, 2010, 139 p.

JENKS, Chris. “Constituindo a criança”. *Educação Sociedade e Culturas*, n. 17, p.185-216, jan. /abr. 2011.

_____. Editorial: journeys into space. *Childhood*, Trondheim, v. 12, n. 4, 2005. <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0907568205058600>. Acesso em: 02 jul. 2017.

MANNHEIM, Karl. “El problema de las generaciones”. *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, [S.L], n. 62, p. 193-242, jan. 1.

MONTANDON, Cléopâtre. “Sociologia da infância: balanço dos trabalhos em língua

inglesa”. *Cadernos de Pesquisas*, São Paulo, n. 112, p. 33-60, mar. / jul. 2001.

MONTEIRO, Alef. CAMPELO, Marilu Marcia. “Mediunidade e Iniciação: notas sobre iniciação de crianças na Umbanda”. *Nufen: Phenom. Interd.*, Belém, v. 9, n. 1, p. 108-126, jan. / ago. 2017.

NEGRÃO, Lísias Nogueira. “Umbanda: entre a cruz e a encruzilhada”. *Sociologia/Tempo Social*, USP São Paulo, n. 5, p. 113-122, jun.1993.

OLIVEIRA, Amurabi. *Corpo, Brincadeira e Aprendizagem entre Crianças de Candomblé*. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia,[S.L],jan.2014. Disponível em:http://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1398431711_ARQUIVO_RBA_MESA.pdf. Acesso em: 02 jul. 2017.

ORTIZ, Renato. *A morte branca do feiticeiro negro*. Cadernos nº 9. Centro de Estudos Rurais e Urbanos. 1976.

PRANDI, Reginaldo. *Os mortos e os vivos: Uma introdução ao espiritismo*. 1 ed. São Paulo: Três Estrelas, 2012. 115 p.

_____. “Modernidade e feitiçaria: candomblé e umbanda no Brasil do século XX”. *Tempo Social*. Revista Sociol. USP, São Paulo, 2(1), pag. 49-74, 1º semestre, 1990.

QVORTRUP, Jens. “A tentação da diversidade e seus riscos”. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1121-1136, out. / dez. 2010.

_____. “A volta do papel das crianças no contrato geracional”. *Revista Brasileira de Educação*, [S.L], v. 16, n. 47, p. 323-511, set. / dez. 2011

_____. Apresentação “Nove teses sobre a ‘infância como um fenômeno social’”. *Pro-Posições*, Campinas, v. 21, n. 64, p. 199-211, jan. / abr. 2011.

SALES Jr., Dario Ribeiro. Dissertação de Mestrado: *Sobre olhar e aprender: um estudo sobre o processo de aprendizado religioso das crianças candomblecistas*. UFB, Salvador, p.85, abr.2011.

SARMENTO, Manuel Jacinto. “Gerações e Alteridade: Interrogações a partir da Sociologia da Infância”. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 26, n. 91, p. 361-378, mai. / ago. 2005.

_____. “Crianças: educação, culturas e cidadania activa Refletindo em torno de uma proposta de trabalho”. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 23, n.01, p.1740, jan. / jul. 2005.

_____. *Sociologia da Infância: Correntes e Confluências*. UNESP, [S.L], p.1-31, jan.2009.

SIROTA, Régine. “Da Sociologia da Educação à Sociologia da Infância”. *Atos da Pesquisa em Educação*, PPGE/ME FURB, v. 6, n. 3, p.562-571, set. / dez. 2011.

SLENES, Robert W. “‘Malungu, Ngoma Vem’: África coberta e descoberta do Brasil”. *Revista USP*. São Paulo, n.12, p.48-67, 1992.

SOUZA, Ellen De Lima. Tese: *Experiências de infâncias como produções de culturas no Ilê Axé Omo Oxé Ibá Latam*. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, p.179,2016.

TEMPLO A CAMINHO DA PAZ. *Templo a caminho da paz*. Disponível em: <http://temploacaminhodapaz.com.br/>- Acesso em novembro de 2018.

VOGUEL, Arno; MELLO, Marco Antônio da S.; BARROS, José Flávio P. de. *A galinha-d'angola: iniciação e identidade na cultura afro-brasileira*. Rio de Janeiro, Pallas/FLACSO; Niterói, EDUFF, 1993. 204p

Recebido em: 31/08/2018

Aceito em: 22/11/2018